



DOSSIÊ

Missões Cristãs e Sociedade entre a África e o Brasil

os diálogos com os arquivos

Indígenas do Norte do Brasil que passaram por processo de aculturação. Fotografias em processo de tratamento e catalogação. Subsecretaria de Documentação Especial – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Apresentação

Este dossiê propõe-se a uma importante análise de um fenômeno religioso e cultural que marcou os espaços coloniais do Brasil e de grande parte dos países africanos dos séculos XVI ao XX: as missões cristãs e as transformações das condições sociais, culturais e materiais dos povos missionados.

No entanto, nosso recorte se centra em exemplos analisados pelos autores das relações de interação, negociação e conflitos que essa atividade encontrou no contato com os povos e agentes dos locais que receberam os missionários.

Nos tempos em que vivemos, onde as conquistas sociais e os direitos humanos são cotidianamente ameaçados pela lógica neoliberal e pelo medo que justifica a construção de novas barreiras entre os povos, discutir essas relações é de fundamental importância! Elas permitem compreender como as intervenções espaciais e de reorganização social trazidas com os missionários, e transformadas pelas populações que os receberam, se tornaram importantes bandeiras de reconhecimento e de exigência de direitos políticos e sociais no cenário dos modernos países da América Latina e da África.

Outro fato muito importante são as interpretações contemporâneas da relação dos povos missionados com as histórias das ações dos religiosos e dos documentos que foram produzidos por esta interação, presentes nos arquivos públicos dos estados e privados das ordens e congregações religiosas.

Documentos que, no passado colonial, representavam a prova material da conquista religiosa de populações e de registro da eficácia da presen-

ça missionária, foram ressignificados por diversos agentes sociais a partir da segunda metade do século XX, como provas de resistência cultural e de existência de patrimônio cultural para a obtenção de reparações sofridas por crimes de Racismo, Xenofobia e apreensão de terras.

Além disso, essa documentação tornou-se também prova de ‘ancestralidade’, de existência de grupos sociais e de práticas culturais e religiosas.

As ações missionárias cristãs, até a Segunda Guerra Mundial, no século XX, foram profundamente marcadas pelo ‘paradigma civilizador’. Com o final do conflito e a decadência dos processos coloniais, a atividade missionária teve que ser ressignificada, tendo que aceitar que não mais conseguiria tornar o mundo cristão, mas que poderia desenvolver uma forma de ‘estar presente no mundo’, reconhecendo o pluralismo religioso e estando junto às principais discussões e implementações de políticas sociais e econômicas.

As missões tiveram força para empreender essas mudanças, porque também assumiram um papel de formação de vozes públicas, ou seja, de agentes sociais com forte capacidade de exercício de liderança e de produção intelectual, em sociedades coloniais e republicanas, onde a sociedade civil era muito reduzida.

Em contextos de violência colonial e de repressão política nas democracias africanas e também no caso do Brasil, os quadros de agentes formados nas pastorais sociais tiveram um papel importante de abarcar os movimentos sociais reprimidos e de dar visibilidade mundial aos problemas, a partir das denúncias nas redes mundiais das Igrejas e das Instituições a elas ligadas.

As contribuições dos colegas pesquisadores aqui reunidas nos ajudam a problematizar as relações dos empreendimentos missionários com as sociedades que os receberam, enfatizando as ressignificações da própria ação e as reivindicações identitárias contemporâneas.

No artigo de Karl Heinz Arenz, intitulado *Sacacas, ramadas e esmolações: crenças e práticas religiosas nas comunidades quilombolas no noroeste paraense*, o autor nos convida a perceber os processos históricos de ocupação negra no Baixo Amazonas no contexto colonial do Brasil e os encontros com as sociedades indígenas e interações com a presença missionária franciscana que constituíram uma forma de ocupação do território e de construção das experiências culturais e religiosas que são hoje reivindicados como um importante legado político e cultural para assegurar políticas de direitos sociais e de demarcação de terras quilombolas. Nesse sentido, compreender seu universo simbólico-religioso no período entre meados do século XVIII

até as décadas de 1990 e 2000, quando são reconhecidas como remanescentes quilombolas, é relevante, pois para além da análise do processo histórico, também traduz o patrimônio imaterial como estratégia de luta para o desenvolvimento de uma cidadania que, pouco a pouco, deixa de ser concedida pelas instituições e se torna progressivamente ativa.

Em *Sociedades Indígenas e Missões no Alto Amazonas nos séculos XVII-XVIII*, a autora, Rosemeire Oliveira Souza, nos convida ao rico diálogo com o Arquivo das Índias e a documentação dos diários dos Jesuítas ligados ao antigo Colégio de Quito para propor uma abordagem inovadora para a observação do protagonismo indígena e da compreensão do espaço missionário como local de conflito e de produção de novas identidades étnicas e políticas, onde as lideranças indígenas têm um papel muito importante. Além disso, a leitura a contrapelo realizada pela autora nos evidencia como o território missionário era também uma fronteira das ambiguidades e dos conflitos coloniais na região amazônica, onde os tratados diplomáticos europeus tinham relativa importância no cotidiano de missionários e indígenas pautados na construção de micropolíticas que garantiam sua sobrevivência.

Raquel Gomes nos apresenta um outro olhar sobre as missões. Em seu texto *Letras e missões: a influência da educação em espaço missionário na África do Sul — os casos de Olive Schreiner e Sol Plaatje* trata das missões de caráter metodista, em especial a wesleyana de Wittebergen, no atual Lesotho, África do Sul, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A originalidade de seu texto vai além da discussão da vida em missão e seu impacto na construção das sensibilidades de seus moradores pelo viés da literatura. Ao fazer tal abordagem, também analisa o processo de protagonismo feminino em contextos escancaradamente masculinos ao tratar da obra de Olive Schreiner em si e na medida em que explicita sua influência no trabalho de Sol Plaatje iniciando uma análise acerca da herança emocional e intelectual dos africanos emersos deste ambiente. Ao estabelecer esta linha de análise, evidencia em que medida se articulavam e até se apropriavam desse universo como forma de criação de redes de solidariedade e de organização e luta política que podem ser posteriormente observadas na criação do *South African Native National Congress* — ou SAANC, que depois seria conhecido como o *African National Congress*, ANC.

Aramis Luis Silva, nos apresenta o estudo de caso *Ser ou não ser em nome de Deus — notas sobre uma missão LGBT em Uganda*, que traz uma experiência missionária contemporânea, desenvolvida pela Metropolitan Community Church, alicerçada na perspectiva de luta, afirmação de direitos

sociais e de identidades de gênero, de forma muito clara, através de uma missão desenvolvida por um agente e voltada para o público de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT). Essa inovadora perspectiva de missão e de constituição de espaço evangelizador nos traz importantes questionamentos sobre a relação entre a espiritualidade e a afirmação de identidades de gênero, que ocupam hoje cada vez mais a centralidade da reflexão em torno da noção de pessoa a ser atendida pela atividade missionária, ampliando a perspectiva para discussão do que se considera Direitos Humanos na contemporaneidade.

Aprofundando o diálogo com os arquivos em África, Iracema Dullely, antropóloga que no seu percurso estudou a atuação dos missionários católicos Espiritanos, no planalto central angolano, nos apresenta a entrevista intitulada *Fontes e contextos do Arquivo Nacional de Angola: entrevista com Alexandra Aparício*. Nesta podemos conhecer a longevidade da preocupação arquivística e os esforços hodiernos para disponibilizar a documentação colonial, do período da independência e contemporânea. Vemos também o reconhecimento da importância da oralidade nas sociedades de Angola, através da criação do arquivo oral dos participantes do processo de independência nos anos 1970. Esta entrevista nos aponta as ricas possibilidades futuras de explorarmos as documentações ligadas às missões que eram submetidas ao padroado português e também as contemporâneas, bem como o suscitar de novos temas para a pesquisa da história sobre Angola. Além disso, problematiza a necessidade de compreender as fontes, sejam elas de caráter cartorial, cartográfica ou oral, entre outras como um exercício estratégico de afirmação de identidades e juntamente a esse processo, a importância da construção de parcerias multinacionais visando à promoção de projetos temáticos que proponham a formação de mão-de-obra especializada e a digitalização e divulgação das mesmas, de sorte a ampliar o conhecimento, ainda restrito, sobre tais regiões e povos, bem como suas relações com as antigas metrópoles, por exemplo.

As experiências missionárias em África e no Brasil e o diálogo com os arquivos é uma temática que começa a se desenvolver de forma mais clara, trazendo ricas contribuições para o diálogo interdisciplinar entre a História, as Ciências Sociais e a Arquivologia. Além da interdisciplinaridade proposta e necessária, a beleza deste dossiê está, também, nos diferentes modos de se estudar as missões, desde à análise clássica de legislação, às fontes secundárias e à documentação cartorial, até o uso da literatura e a entrevista oral utilizando a mediação de redes sociais como *facetime*, por exemplo, demons-

trando que as tradicionais e as recentes formas de pesquisa podem produzir trabalhos relevantes e que dialogam entre si. Em tempos de fragmentação nossa proposta é criar pontes que permitam novas perguntas que sejam respondidas por outras possíveis metodologias de pesquisa. Que tenhamos um olhar aberto para o Brasil, a África e as Missões e que o mesmo possa se aprofundar ainda mais e que surjam inovadoras pesquisas que pensem as dinâmicas históricas e sociais que são cada vez mais importantes no contexto histórico atual.

PATRICIA TEIXEIRA SANTOS

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

SANDRA RITA MOLINA

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora Titular da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)

Recebido em 01/03/2017
Aprovado em 24/03/2017